

Por uma poética de potencialização em BANDO:H: desmoronando construções, ampliando percepções

Leonardo Augusto Paulino*

RESUMO: Este artigo procura refletir sobre a poética do grupo de transatores BANDO:H, criado em 2008 durante a graduação em Artes Cênicas na Universidade Federal de Ouro Preto. O intuito do texto é evidenciar a proposta do grupo na abordagem da teoria *queer* durante os processos criativos, bem como sua articulação com a criação de um corpo sem órgãos.

Palavras-chave: teoria queer; corpo; performance; BANDO:H.

ABSTRACT: This article discuss the poetics of transactors BANDO:H group, created in 2008 during graduation in Theatre Arts at the Federal University of Ouro Preto. The purpose of the paper shows the proposed approach in the group of *queer* theory during the creative process, as well as its articulation with the creation of a body without organs.

Keywords: *queer* theory; body; performance; BANDO:H.

RESUMEN: Este trabajo se presenta la poética de transatores grupo BANDO:H, creada en 2008 durante la graduación en Artes Teatrales en la Universidad Federal de Ouro Preto. El propósito del documento muestra el enfoque propuesto en el grupo de teoría queer durante el proceso creativo, así como su articulación con la creación de un cuerpo sin órganos.

Palabras clave: teoría *queer*; el cuerpo; el rendimiento; BANDO:H.

O que conta nas coisas ditas pelos homens não é tanto o que teriam pensado aquém ou além delas, mas o que desde o princípio as sistematiza, tornando-as, pelo tempo afora, infinitamente acessíveis a novos discursos e abertas à tarefa de transformá-los. (Michel Foucault)

Se hoje estou a escrever é por um dia ter enveredado a estar além de somente ser, por cruzar a margem do rio, mesmo que metaforicamente. Dessa forma, proponho escancarar minha pele e revelar as memórias impregnadas num tecido-acontecimento que um dia pude viver.

O tempo nunca para e em sua curva contrária me remeto à cidade (Ouro Preto) encantada e permeada por frio, percepção e solidão. O encontro com as possibilidades de escolha do querer (Artes Cênicas), entremeado com os poderes de uma instituição (Universidade Federal de ouro Preto).

* Mestrando em Artes Cênicas - UFBA; Arte/Educador - UFOP.

2008, sobre o ano.

Agora preciso falar dos meninos, que deixaram de ser. Deixaram de ser insensíveis, moleques, homens. Por confluência das probabilidades do acaso, a existência de cada um atravessou a presença do outro. E em forma de teia, contaminação e inflamação dos desejos fomos aos poucos nos transmutando, autorizando a ampliação dos espaços de sensibilidade, criação e potencialização dos corpos. No início, uma beirada de processos dionisiacos, atos apolíneos... exacerbação dos limites da carne e do espírito. Desde então nos reconhecemos enquanto bando, de crueldade, de acontecimentos, de seres, de vivências: BANDO¹.

Os corpos se encontram em bando, química entre corpos vulneráveis, necessitados de afetos. Em tempo dilatado esses corpos agrupam-se tornando uníssono, universalidade de sentimentos, descentralização do ser, aos poucos vamos nos tornando margem, larvas, visceralidade. Sim, nos unimos em BANDO.

A partir de sua formação, o grupo BANDO abre-se para os lugares de reflexão teórico-prática sobre as relações e articulações entre corpo, gênero e performance desenvolvendo trabalhos (atualmente em Ouro Preto/MG, Rio de Janeiro/RJ e Salvador/BA) que intensificam a necessidade do diálogo sobre esses conceitos e suas infinitas proposições.

Breve relato sobre o processo de “A nova barbie ensandecida”: a teoria *queer*² em nossas vaginas.

“Nós não somos homens
Nós não somos mulheres
Nós somos gente
Gente computada
Como você”
(Dzi Croquettes)

¹Grupo de transatores formado por Alisson de Oliveira, Higgor Vieira, Leonardo Paulino, Marlon Santos, Wallisson Gomes e Weber Cooper.

² O termo "queer" tem sido usado, na literatura anglo-saxônica, para englobar os termos "gay" e "lésbica". Historicamente, "queer" tem sido empregado para se referir, de forma depreciativa, às pessoas homossexuais. Sua utilização pelos ativistas dos movimentos homossexuais constitui uma tentativa de recuperação da palavra, revertendo sua conotação negativa original. Essa utilização renovada da palavra "queer" joga também com um de seus outros significados, o de "estranho". Os movimentos homossexuais falam, assim de uma política queer ou de uma teoria queer (LOURO, 2000, p.125).

Todos nós, enquanto seres humanos enquadrados no conceito homossexual por nossa sociedade contemporânea, tínhamos o intuito de descobrir sobre as tais categorizações, sobre as identidades corpóreas e, sobretudo, a violentação que as minorias são obrigadas a suportar (eis aqui meu discurso quase contraditório), atualmente, vozes caladas e abafadas pelos centros de poder.

Em um primeiro exercício da disciplina Direção III³ (Artes Cênicas/UFOP) estrutura-se uma via-sacra *queer*, contradizendo o tradicionalismo do catolicismo saturado da/na cidade. Aqui, Cristo é mona, tachada, esculachada, depredada e degenerada por ser aquilo que não cabe no quadrado social. Do que (não) imaginamos ser sociedade.

O processo criativo inicia-se de maneira compartilhada. Processo colaborativo. Todos nós tínhamos a vontade, o desejo de expor nossas feridas, de concentrar nossos esforços para ampliar nossos discursos sobre nossas próprias sexualidades descobertas.

Durante o tempo/espço da intervenção na cidade, tivemos a percepção de que não havia um corpo, não havia uma identidade, em meio a nós não existia categorização e muito menos modos de representação:

consideremos que há objetos singulares, envolvidos num processo geral de desterritorialização, objetos poéticos enquanto rupturas de percepção, enquanto composições de processos de sensibilidades, de representações heterogêneas, que em dado momento vão se organizar segundo um determinado perfil, que não poderá ser remetido à referências ordinárias das significações dominantes (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.82).

Em suma, são diferentes fluxos de intensidade que não se articulam necessariamente e não se categorizam num modo de representação do que é ser homem e do que é ser mulher. Cabe dizer que os corpos já não aguentam mais. Estamos mergulhados em discursos sobre a sexualidade, pronunciados por diversas instituições de poder que instintivamente lutam contra a desconstrução desta, invalidando a desestabilização de binarismos linguísticos conceituais (masculino/feminino, homem/mulher).

Pelas ladeiras de Ouro Preto, desfilam mulheres corpos masculinos que deixam explodir as sonoridades de vozes que precisam ser ouvidas, sentidas, tateadas. Cantos que penetram o espaço urbano instaurando a consciência de que os discursos sobre

³ Processo dirigido por Wallisson Gomes

gênero e sexualidade devem estar além, precisam atingir outros estados e superfícies que não essas rasas nas quais nos encontramos.



Fonte: Arquivo Pessoal

Utilizando-se da intervenção no cotidiano-realidade do outro, dispomos e usufruímos da performance enquanto viés de transformação, mudança, processo de re-existir:

só consigo pensar a performance como modo de uso filosofante. [...] Para quê, por quê? Para que, talvez, à revelia de cada um, abram-se portas, cadeados, porões, sótãos, voem telhados, não sobre uma parede sequer para contar qualquer história, enfim, queremos devir-acontecimento no instante de reinventar-nos (ALCÂNTARA, 2011, p.22).

Sobre o processo temos um ato jogados ao tempo, presenteando o cosmos:

- em certo tempo acontece a história do grupo que escancarou, frente a uma sociedade tradicional, a crucificação da *drag* que é falsa. Praça pública. Gente e patrimônio nos assistem.
- linhas que se escrevem agora se fazem corpo. Corpo artificial dominado, disciplinado. Sexualidade enquanto dogma. Gênero como dissolução da carne. Sexo já não temos.
- a artificialidade das relações sociais se instaura em nossos corpos durante a imersão na criatividade, ressignificando a modelagem a qual estamos sujeitos. Então, nos descobrimos plástico, forma disforme, máquinas desejanças.

- a quase experiência de uma vaginoplastia proposta⁴ metaforicamente e/ou metonimicamente através de carne que vaza sexo afora proporcionando uma catarse em sentido contrário, aquém de nossas genitálias. A vestimenta é fantasia, artefato de ilusão fundamental para a exploração de uma nova identidade que é agente transitório nos limites impostos por nossa visão regular.

Com essas inquietações têm-se uma primeira discussão sobre a formação de uma subjetividade análoga à produção capitalista. Nos tornamos sujeitos de uma cultura modelada; uma essência universal do homem. No âmbito do processo criativo encontramos formas de expressão para afirmar que nosso corpo está no mundo, mesmo que seja para viver aquilo que é inviável, insuportável. Através desse enfrentamento nos desorganizamos em estado de consciência alterada, performatizando o ser como integralidade, interculturalidade e transversalidade. Aqui, a prática *queer* se joga no mundo, apontando a materialização pelas quais a diferença sexual é abordada. Cabe introduzir a teoria *queer* de modo que nos delimite (ou não) perspectivas sobre a descentralização do sujeito e a fluidez da sexualidade como prática social.

a teoria *queer* constitui-se menos numa questão de explicar a repressão ou a expressão de uma minoria homossexual do que numa análise da figura hetero/homossexual como um regime de poder/saber que molda a ordenação dos desejos, dos comportamentos e das instituições sociais, das relações sociais – numa palavra, a constituição do self e da sociedade” (SEIDMAN *apud* LOURO, 2008, p.46).

Nesse modo de existência abolimos uma tradição cartesiana vivenciando experiências e poéticas que vão ao encontro do sensível e do invisível, corporificando a relação consigo mesmo, com o outro, com o mundo, em um *continnum* entre essência/existência, interno/externo, corpo/ambiente.

só se cavam espaços, só se precipitam ou desaceleram tempos à custa de torções e deslocamentos que mobilizam e comprometem todo o corpo... Portanto, há sem dúvida atores e sujeitos, mas são larvas porque são os únicos capazes de suportar os traçados, os deslizamentos e rotações... É verdade que toda ideia nos faz larvas... As larvas trazem as ideias em sua carne (DELEUZE, 2000, p.211).

Nesse momento temos uma contradição: um corpo que já não aguenta mais, ferido grosseiramente, que se fecha; e um corpo que sente, acesso ao sutil, que se abre, desabrocha-se. Fechar-se para abrir torna-se uma potencialização da re-existência desses

⁴ Proposta de figurino e maquiagem de Jairo Alna

corpos-abcessos, buscando um esgotamento das possibilidades e limites da fronteira vida/morte.

Contaminar-se e ser contaminado. Desloca-se o corpo para explorar outros fragmentos, outras estruturas políticas, mais diluídas, desestabilizando aquilo que é estável. Verifica-se a tríade corpo-gênero-performance como estrutura inseparável dinamizando as expressões da diferença, catalisando emoções e construindo pequenas poéticas que vão ao encontro da dispersão geral.

Dessa forma, a performatividade desses corpos age como violação dos sistemas e definições impostos pelo poder social, tonificando-os como um corpo metafórico, trans-histórico e universal, que deve ser visto como força transformadora dos limites dos conceitos de identidade propiciando a expressão de desejos e exigindo o reconhecimento de mudanças de linguagem, culturais, semânticas, entre outras.

Todos os valores que são predestinados ao corpo tornam-se inscrições e marcas de nossa identidade e precisamente como contrapartida desta nossa subjetividade é que se delimitam contornos friamente inacessíveis a alguns indivíduos que neste caso passam a ser rotulados e denominados a partir de uma referência.

O corpo da sociedade se impõe e constrói o corpo do indivíduo a partir de seus padrões, concepções, conceitos e paradigmas, no mesmo passo em que o próprio corpo-indivíduo edifica no cotidiano de seu trabalho, de sua dor, de seus lazeres e de seus prazeres, a dinâmica interna do corpo da própria sociedade. Poderíamos perceber aqui um artesanal movimento onde o próprio corpo é modelado pelo barro e pela mão que, paradoxalmente, ele mesmo moldou (PERETTA, 2005, p.42).

Nosso corpo ejacula desejos devido às ramificações da relação entre sujeitos que sucessivamente se reconhecem enquanto ocupantes e desejanter do espaço-tempo, a fim de interpelar, estabelecer e criar novos signos na busca de sua identidade, singularidade. Trata-se, portanto, de desconstruir a realidade, os signos, os sentidos e a linguagem em um *continuum* de alteração da essência do ser, evitando o disciplinamento, estagnação e docilidade dos corpos.

A dramaturgia⁵ de “A nova barbie ensandecida” incita-nos a perceber o gênero como constructo sociocultural. A figura da boneca por sua vez é justaposta aos acontecimentos diários em que a sexualidade dos corpos é moldada como o plástico:

⁵ Dramaturgia de Alisson de Oliveira

“além disso, uma importante característica do plástico é manter sua forma após a moldagem”.



Fonte: Arquivo Pessoal

A inscrição do trajeto de transformação de um menino para uma função boneca propõe a ampliação e re-educação do olhar para as categorizações, normatizações, enquadramentos, modelagens e estabilidades advindas de nossa sociedade ocidental contemporânea:

“Sou um menino mau. Sou castigado, mas sou linda. Plástica e de plástico. Moldada Pintada Viciada.”

“Não. Eu quero ser boneca! Linda. E quero poder falar isso sempre, e não ser castigada. Me viciar e achar um boneco que me tire do fundo do poço. Sexo sem reprodução. E vou queimar quantas vezes forem necessárias no forno para me manter a boneca mais bonita e alegre. Artíficos de boneca. E longe de você”.

O verbo se faz carne. A busca infinita do ser-para-si expõe-se através do estímulo de liberdade dos corpos. Devir-acontecimento. Há a necessidade de re-existir do corpo. Necessidade de fluxo, movimento e diálogo sobre as penetrações dos discursos internalizados em nossos sexos.

Um olhar rizomático: fluxo e conexão

Atualmente, faz-se necessário ver diferente, em uma espécie rizomática do olhar. Enquanto a “diferença” mostra um caminho de desestabilização, o lugar comum de conforto não desenvolve novas formas de conhecimento, sobretudo quando refere-se ao corpo. Subverteram-se os limites desse corpo, transformando-o em território sem fronteiras, continuamente renovável.

O espaço da fronteira, o interstício, mostra-se como encruzilhada, “*lugar de relação, região de encontro, cruzamento e confronto*” (LOURO, 2008, p.19). Nesse *locus* os enfrentamentos são constantes buscando desafiar a lei. Para Deleuze e Guattari, essa poética pode ser abordada através da esquizoanálise:

se a psicanálise se fundamenta no modelo da neurose/estrutura e aponta a superação do Édipo, o amadurecimento da pessoa pela integração à lei, pelo respeito à autoridade, portanto, à ordem social estabelecida; a esquizoanálise percorre outra direção: a esquizofrenia é o limiar por onde passam os fluxos desejantes em um corpo sem órgãos, desterritorializado, diferenciado da produção social mais comum [...] a esquizofrenia é resultante do capitalismo, mas ao mesmo tempo, lhe escapa; além do mais, ela é desfigurada e não enquadrável (CÂMARA, 1999, p.33).

A repressão sexual estabelecida em nossa sociedade capitalista patriarcal deixa marcas nos corpos procurando criar indivíduos dóceis, estagnados, obedientes e sujeitados. A esquizoanálise, por sua vez, procura problematizar a sexualidade não-humana no sujeito, visto que somos todos os “sexos” possíveis. O corpo sempre esteve fadado a determinismos e imprecisões, probabilidades e possibilidades. É ele que produz uma transversalidade com o campo social reconhecendo as marcas que se inscrevem em si, insinuando que os fluxos desejantes sejam liberados, deslizados. Conectar os desejos, construir rizomas, desfocar subjetividades nada mais é que buscar atingir um corpo-sem-órgãos (CsO), um *continuum* de intensidade. É a partir do corpo que se chega “às intensidades do desejo, à potência do ser – como sugere Nietzsche, às relações de poder/saber que o produzem – segundo Foucault – e aos fluxos desejantes – de acordo com Deleuze e Guattari” (op. cit, p. 36).

Na ótica do desejo o corpo designa conexões e intensidades que criam um CsO como forma de oposição aos agenciamentos de poder, conjunções, limiares, como forma de reterritorialização na questão da fixidez identitária. O corpo estranho é antes de tudo um CsO, uma desorganização, corrosão e proliferação dos dispositivos de controle

social, um processo de exploração do espaço intersticial em que podemos emergir como os outros de nós mesmos.

O corpo travestido no palco apresenta-se como potência subversiva no campo de políticas identitárias. Significante que aponta para a percepção da viabilização de novas posições de sujeito e seus devidos prazeres. Corpo este que é fonte de problemas culturais e políticos, incômodo e insistência na inomeabilidade dos seus significados.

Através da visão nos limitamos a imaginar o interior do corpo conforme descrições anatômicas de livros. O corpo é sensibilidade e expressão criativa do qual emanam desejos e surgem reviravoltas no campo social.

Grupos-sujeitos, bandos, matilha de lobos, sendo lobo entre lobos, sentindo a intensidade dos desejos; sendo agenciamento coletivo de enunciação, já que não existe um sujeito sozinho; sendo máquinas de guerra nômades que enfrentam o Estado; sendo corpo-sem-órgãos.

O corpo sem órgãos – CsO – é o campo de imanência do desejo, o plano de consistência próprio do desejo, lá onde o desejo se constitui como processo de produção sem referência a qualquer exterioridade. Atingir o CsO é meta da matilha, porque experimentá-lo é conectar desejos, fluxos e um continuum de intensidades (CÂMARA, 1999, p.35).

O poder transformador do corpo travestido, híbrido, como visto em “A nova barbie ensandecida”, explorado pelos trans-atores no processo criativo na direção de expansão do corpo sem órgãos, dilacera os limites dos modernos conceitos de identidade. Aqui se estabelece um ponto de intersecção, um espaço fluido e diluído e entre a teoria *queer* e o corpo sem órgãos. A fim de invalidar as categorizações e pressuposições acerca de identidade e moralidade, o indivíduo se transforma em lugar de multidão. “Multidão de impulsos, sensações, excitações, pensamentos, num movimento veloz e perpétuo de aparição e dissolução. Um corpo-multidão onde circulam uma miríade de experiências, impossíveis de serem completamente catalogadas e fixadas” (QUILICI, 2004, p.198).

Há antes de tudo um desejo: a reinvenção das formas segmentadas de apreensão do corpo; a re-existência dos corpos-multidão excluindo a possessão ativa de um Estado; um refazer-se através da arte, inúmeras vezes de maneira cruel, cultivando uma entrega absoluta e mobilização total de si; um caminho livre, aberto à apoteose do sublime degenerando proibições formativas; um clamor contra a falta de contato com a profundidade do corpo. “É dissolver a carcaça de indivíduo para abrir-se aos outros seres, para poder respirar com a vida no mundo” (QUILICI, op. cit., p.203).

Referências

ALCANTARA, Clarissa. *Corpoalingua - performance e esquizoanálise*. Rio de Janeiro: Editora CRV, 2011.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÂMARA, Marcos Vinicius. Do corpo ao incorporal ou da estrutura aos fluxos desejanter. In: MALUF JR, Nicolau (org.). *Reich: o corpo e a clínica*. São Paulo: Summus, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. Rio de Janeiro: ed.34, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1973.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica – cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PERETTA, Éden S. *Alteridades da pele, fronteiras do corpo*. 2005. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.

QUILICI, Cassiano. *Antonin Artaud: teatro e ritual*. São Paulo: Annablume, 2004.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.